XXIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI - UFMG/FUMEC/DOM HELDER CÂMARA

DIREITO, ESTADO E IDEALISMO ALEMÃO

JOSÉ ALCEBIADES DE OLIVEIRA JUNIOR

RENATA ALMEIDA DA COSTA

JOSÉ LUIZ BORGES HORTA

Copyright © 2015 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – Conpedi
Presidente - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UFRN
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. José Alcebíades de Oliveira Junior - UFRGS
Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM
Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Gina Vidal Marcílio Pompeu - UNIFOR
Vice-presidente Norte/Centro - Profa. Dra. Julia Maurmann Ximenes - IDP
Secretário Executivo -Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC
Secretário Adjunto - Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto – Mackenzie

Conselho Fiscal
Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG /PUC PR
Prof. Dr. Roberto Correia da Silva Gomes Caldas - PUC SP
Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini Sanches - UNINOVE
Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS (suplente)
Prof. Dr. Paulo Roberto Lyrio Pimenta - UFBA (suplente)

Representante Discente - Mestrando Caio Augusto Souza Lara - UFMG (titular)

Secretarias
Diretor de Informática - Prof. Dr. Aires José Rover – UFSC
Diretor de Relações com a Graduação - Prof. Dr. Alexandre Walmott Borges – UFU
Diretor de Relações Internacionais - Prof. Dr. Antonio Carlos Diniz Murta - FUMEC
Diretora de Apoio Institucional - Profa. Dra. Clerilei Aparecida Bier - UDESC
Diretor de Educação Jurídica - Prof. Dr. Eid Badr - UEA / ESBAM / OAB-AM
Diretoras de Eventos - Profa. Dra. Valesca Raizer Borges Moschen – UFES e Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - UNICURITIBA
Diretor de Apoio Interinstitucional - Prof. Dr. Vladmir Oliveira da Silveira – UNINOVE

D598

Direito, estado e idealismo alemão [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/UFMG/ FUMEC/Dom Helder Câmara;
coordenadores: José Alcebiades De Oliveira Junior, Renata Almeida Da Costa, José Luiz Borges Horta – Florianópolis: CONPEDI, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-114-2
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: DIREITO E POLÍTICA: da vulnerabilidade à sustentabilidade

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Encontros. 2. Estado. 3. Idealismo alemão. I. Congresso Nacional do CONPEDI - UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara (25. : 2015 : Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

CONPEDI
Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Florianópolis – Santa Catarina – SC
www.conpedi.org.br

XXIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI - UFMG/FUMEC /DOM HELDER CÂMARA

DIREITO, ESTADO E IDEALISMO ALEMÃO

Apresentação

Apresentação

Esta obra torna públicos os textos acadêmicos debatidos pelos integrantes de três grupos de trabalhos, todos participantes do XXIV Congresso do CONPEDI, realizado na cidade de Belo Horizonte, nos dias 11 a 14 de novembro de 2015. Estimulados pelo desafio de discutir "Direito e Política", sob o viés da "Vulnerabilidade à Sustentabilidade", os membros dos grupos de Filosofia do Direito II, Cátedra Luís Alberto Warat I e Direito, Estado e Idealismo Alemão I, submeteram sua produção textual à aprovação da organização do evento e, uma vez aprovados, participaram dos debates realizados em 12 de novembro de 2015, na sala 405 do Edifício Villas-Bôas, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nesse sentido, aqui estão reunidos os melhores artigos científicos produzidos pelos estudantes e/ou professores de Programas de Pós-Graduação em Direito do país, que bem se coadunam à preocupação do CONPEDI em estimular o pensamento reflexivo ao encontro de soluções para as vulnerabilidades decorrentes das complexidades política, econômica, social, ambiental e jurídica que desafiam o operador do Direito na contemporaneidade.

Com esse intento, os autores do grupo de Direito, Estado e Idealismo Alemão apresentam suas contribuições tanto para a reflexividade dos aspectos filosóficos e das ciências sociais, desde o viés interno do Direito quanto do alcance das políticas públicas e o funcionamento das instituições político-jurídicas. Isso pode ser percebido pela leitura dos textos: "A dialética até Hegel", de Danilo Ribeiro Peixoto; "A formação do pensamento de Hegel até 1807", de Carola Maria Marques de Castro; "Fundamentos do pensamento moral em Kant", de Adriana Saraiva Lamounier Rodrigues e Diego Manente Bueno de Araújo; "Hegel, Paixão e Diferença", de José Luiz Borges Horta; "Luta pelo reconhecimento e Direito: condição de possibilidade para a experiência da liberdade", de Mariana Caldas Pinto Ferreira; e "Sobre o papel da República na consecução do justo em Kant", de Karine Salgado e Philippe Oliveira de Almeida.

Certos de que o material aqui disponibilizado, assim como seus autores, exercerão forte influência para a reflexão jurídica nacional, é que fazemos o convite à leitura e ao pensar crítico, neste exemplar fomentado. Por essa via, acreditamos, nossa ciência do "dever-ser" produzirá efetivos propósitos no mundo do ser. Que desfrutem!

De Belo Horizonte, outono de 2015.

Renata Almeida da Costa,

José Alcebíades de Oliveira Junior e

José Luiz Borges Horta.

A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE HEGEL ATÉ 1807

LA FORMACION DEL PENSAMIENTO HEGELIANO A 1807

Carola Maria Marques de Castro

Resumo

Os primeiros anos do pensamento de Hegel são essenciais para seu desenvolvimento na maturidade. Dentro da formação do pensamento de Hegel de seu início em 1770 até o ano de 1807, é possível entender como ele desenhou seu Sistema ainda nessa fase juvenil. Hegel pretendeu em sua filosofia superar as divisões e cisões que haviam se apresentado ao homem no decurso da tradição ocidental, como elucida Lima Vaz. A Filosofia nasce assim historicamente e culturalmente. Sendo a marca do pensamento hegeliano, a conquista de uma nova unidade; a construção da relação entre a Filosofia e a História. A função da Filosofia é recompor a certeza, não mais como certezas imediatas porque essas estão definitivamente perdidas, mas certezas mediatizadas pela experiência da cisão. A isso é que mais tarde Hegel chamará dialética, leciona Lima Vaz. Para compreender este caminho é necessário evidentemente seguir o desenvolvimento do sistema até a sua conclusão, até o ponto final. Na concepção de Hegel, em Filosofia não existem atalhos. É preciso estudá-lo através do prisma do sistema, já que não há Filosofia sem sistema, e o esboço do sistema hegeliano se dá exatamente nesta fase juvenil, onde traça os pilares de sustentação de toda o seu legado filosófico.

Palavras-chave: Sistema, Hegel, Formação

Abstract/Resumen/Résumé

Los primeros años del pensamiento de Hegel son esenciales para su desarrollo en la madurez. Dentro de la formación del pensamiento de Hegel desde su inicio en 1770 hasta el año 1807, se puede entender cómo él diseñó su sistema aún en esta fase juvenil. Hegel buscó en la su filosofía superar y divisiones que se habían presentado al hombre en el curso de la tradición occidental, como dilucidado por el Lima Vaz. Filosofía nace de manera histórica y culturalmente. Al ser la marca de pensamiento hegeliano, la conquista de una nueva unidad; la construcción de la relación entre la filosofía y la historia. La función de la filosofía es la reconstrucción de la unidad, "no mas con certeza inmediata, debido a que estos son definitivamente perdidos, pero certezas inmediatízada por la experiencia de la división. Para esto es que más tarde Hegel llama dialéctica ", enseña Lima Vaz. Para entender de esta manera es por supuesto necesario seguir el desarrollo del sistema, la perfeccionará hasta el final. En el diseño de Hegel en la filosofía no hay atajos. Debemos estudiar a través del

prismas de lo sistema, ya que no existe Filosofía sen lo sistema y el contorno del sistema hegeliano se da exactamente esta fase juvenil, que traza los pilares de apoyo de todo su legado filosófico.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Sistema, Hegel, Formación

INTRODUÇÃO

Ainda que por muito tempo negligenciado, os primeiros anos do pensamento de Hegel são essenciais para seu desenvolvimento na maturidade. Assim, busca-se apresentar, sem exaurir o tema, a formação do pensamento de Hegel até o ano de 1807, para, dentro da linha de seu pensamento juvenil, mostrar como ele desenhou seu Sistema ainda nessa fase prematura.

Para tanto, utilizar-se-á como texto base os relatórios de pesquisa do Professor Doutor Padre Henrique Lima Vaz, reunidos no livro intitulado *A formação do pensamento de Hegel* (1988/89).

Os primeiros anos do pensamento hegeliano serão tratados neste trabalho sob uma perspectiva histórica e filosófica, mediante revisão bibliográfica.

1-O CAMINHAR CRONOLÓGICO

A obra filosófica de Georg Wilhelm Friedrich Hegel está intimamente ligada à cronologia de sua vida, afirma Pe. Vaz (2014, p. 156). O acompanhamento da evolução do pensamento de Hegel é possível pelo fato de existir registros desde sua infância e juventude vividos em Stuttgart, onde nasceu em27 agosto de 1770, e em Tübingen, onde estudou seminário com intuito de ser pastor protestante luterano até 1793. O pai era funcionário público e a família não necessitava de recursos (ANTISERI; REALE, 1990, p. 93). Seguiu assim os estudos no ginásio da cidade natal, sem grandes problemas, com uma paixão pelos clássicos gregos que o influenciou na construção de seus pensamentos. Sendo Suabio[1], trouxe muito das afirmações paradoxais afirma Reale (1990, p. 93), sem o formato de chaves de leituras, chegando mais próximo de um grande criptograma.

Em 1788, Hegel matricula-se na Universidade de Tübingen, onde estudou Filosofia durante 2 anos e Teologia durante 3 anos. Mesmo ficando lá por este tempo, não se entusiasmou com o ambiente totalmente influenciado pelo Iluminismo, mas fez

[1]SUABIO- Povo de etnia e cultura Germânica que tem origem principal no sudoeste onde é hoje o estado alemão Baden-Wüttemberg. Atualmente é uma região administrativa do estado alemão da Baviera, cuja capital é a cidade de Augsburgo. Acesso em:http://www.suabios.com.br/historico; https://pt.wikipedia.org/wiki/Su%C3%A1bia. Em 08/08/2015.

fortes amizades com grandes estudiosos como Hölderlin e Schelling, com os quais pode compartilhar suas impressões sobre o evento que mais o marcou, a Revolução Francesa.

Logo depois de terminar os estudos, Hegel escolheu a profissão de preceptor, em Berna entre 1793 e 1796, e depois em Frankfurt entre 1797 e 1800, onde reencontrou Hölderlin (ANTISERI; REALE, 1990, p. 94). Neste período dedicou-se a estudar história política e econômica. Um momento muito reflexivo que contribuiu muito para seu pensamento, escrevendo uma série de estudos que ficaram inéditos por muito tempo.

Em 1799, morre seu pai, e com a herança que deixara pode se dedicar exclusivamente aos estudos, e em janeiro de 1801, mudou-se para Iena. Uma universidade reconhecida pelos círculos Românticos, onde os irmãos Schelegel, e Fichte lecionavam, Hegel assumiu docência universitária com a dissertação *De orbitisplanetarun,* e ministrou cursos como livre-docente, a partir de 1801 até 1805, quando assume como professor extraordinário.

Hegel publica seu primeiro impresso em 1801, chamado *Diferença entre o sistema filosófico de Fichte e Schelling*, tomando posição em favor de Schelling, do qual nos deteremos mais adiante. Em 1802 e 1803 publicou com este *O Jornal critico de filosofia*, que conteve vários ensaios importantes sobre sua autoria. Foi ainda neste período que amadureceu sua grande obra *Fenomenologia do Espírito*, concluído em 1806, quando Napoleão invadia a Prússia, o que marcou profundamente esta obra (ANTISERI; REALE, 1990, p. 94).[2]

Com as dificuldades econômicas advindas com a guerra, Hegel aceitou dirigir o *Gazeta de Bamberga* e mudou-se para Bamberg, e depois para Nuremberg, onde fora diretor de ginásio entre 1807 e 1816 quando produziu sua principal obra *Lógica* e a primeira versão de *Enciclopédia* (ANTISERI; REALE, 1990, p. 95), e em seguida na Universidade de Heidelberg publica *A enciclopédia das ciências filosóficas,* em 1818.

Muda-se para Berlim em 1818, como professor da Universidade, até 1831 quando vem a falecer. Em Berlim publicou uma única obra *Lineamento da filosofia do Direito*, mas se dedicou aos cursos e lições que iam de História à Estética, Religião e História da filosofia.

[2]"A visão de Napoleão vitorioso, que fazia um reconhecimento a cavalo, produziu enorme impressão em Hegel; ele foi golpeado pela percepção visual daquele homem que, a pouca distância, "concentrado em um ponto a cavalo", como ele escreveu expressamente, "estendia o seu poder e dominava o mundo inteiro". ANTISERI; REALE, 1990, p. 94.

Pe.Vaz. destaca que toda a cronologia da vida de Hegel tem uma significação biográfica. No tempo em que viveu em Berlim, passou por muitas dificuldades de imposição do pensamento pelo endurecimento progressivo na política prussiana, cada vez mais reacionária e com uma política cultural "policialesca" que controlava até os professores.

2-O PONTO DE PARTIDA DA EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO DE HEGEL

Os escritos do jovem Hegel só tardiamente foram reconhecidos e, apenas anos mais tarde deixou de ser negligenciada a importância dos escritos da juventude na formulação do seu Sistema, que mostram o caminho de Hegel e a constituição de seu pensamento sistêmico. Deste período, destacam-se os seguintes textos: 1) *Religião racional e cristianismo* (fragmentos); 2) *A vida de Jesus* (1795); 3) *A positividade da religião cristã* (1795/96); 4) *O espírito do Cristianismo e seu destino* (1798); 5) *Fragmentos de Sistema* (1800); e, já no tempo entre Frankfurt e Iena, na transição para a fase madura, escreveu 6) *A Constituição Alemã* (1798/ 1802) e *O Sistema da eticidade* (1802-1803); e 7) *A diferença entre o Sistema fichteano e o Sistema schellinguiano* (1801), todos publicados somente no fim do século passado (ANTISERI; REALE, 1990, p. 96).

O que se apresenta nestes escritos é a essência de todo o seu Sistema, que gira em torno do núcleo religioso-teológico, "perguntando qual a essência da religião e procurando interpretar o sentido das diferentes formas pelas quais ele se manifestou na história*"* (ANTISERI; REALE, 1990, p. 98), tendo insistido no Cristianismo e em Cristo.

Quanto ao ponto de partida da formação do pensamento de Hegel, aponta Pe. Vaz (2014: 160), é crescentemente nítido um problema comum no ambiente cultural da Alemanha e da Europa, e este "*problema*" é marcante em Hegel: "É o problema da divisão do mundo moderno ou cisão: a ruptura da unidade que mantinha coerente o mundo antigo.", cisão da "unidade entre sociedade, política, religião, visão do mundo, Filosofia, enfim, o mundo moderno é caracterizado por essa cisão."

Essa consciência da cisão inicial é encontrada nos seus primeiros pensamentos e vai adquirindo forma mais definitiva, uma vez que para Hegel "qualquer objeto de pensamento só tem significação referida ás condições do nascimento (gênese) daquele objeto. E o objeto de pensamento só pode nascer no mundo dos homens, portanto no

mundo da cultura" (VAZ, 2014, p. 161). Assim, a problemática inicial onde gravita seu pensamento é mostrar "como qualquer objeto do pensamento, qualquer tema (religião, política, organização social) que se pense nesse terreno de gestação do mundo moderno nasce dividido, antinômico, alienado". E quando mais tarde ele encontra o Idealismo Alemão transporta essa cisão para o nível filosófico.

Do encontro com Kant, em Tübingen, percebendo o eco poderoso que despertou reações em todos os níveis da cultura Alemã, e também na Francesa, desperta para o olhar de que tal pensamento não passava de um reflexo no mundo das ideias, daquilo que era a situação real da Europa e da Alemanha em particular. A Filosofia Kantiana, "era uma Filosofia dos dualismos insuperáveis (Razão Teórica, Razão Prática, Razão Reflexiva- determinismo, necessidade- natureza, liberdade)", definindo o problema do mundo moderno, e da cultura europeia, a forma de pensar do kantismo jamais teria sido possível no século XII, por exemplo, lembra Vaz (2014, p. 162), quando a unidade existia.

3-A "CISÃO" E A CRISE DO MUNDO MODERNO

A crise da modernidade é a crise do seu autoquestionamento (PEREIRA, 2007, p. 30). Essa cisão, ruptura da unidade, começa a manifestar-se por diversos campos, começando pela Renascença, com a cisão no campo religioso, marcada na Reforma; no campo cultural no Humanismo; e no campo das ciências a divisão entre ciência experimental e sabedoria antiga, segundo Padre Vaz (2014, p.162), a consciência que impregnou foi a de que o mundo estava em processo de fragmentação.

Desde o início de seus estudos, Hegel, influenciado pelo movimento do *Sturm und Drang*,[3] dedicou-se ao problema da cisão do mundo moderno e é com a intenção de resgatar a unidade cindida da cultura que decide se dedicar à filosofia. Nas palavras do Professor Salgado, o romantismo fez com que Hegel percebesse: "(...) a necessidade histórica de recuperar a unidade ética da vida grega, perdida com a queda da democracia, a unidade da cultura ocidental, dada em primeiro lugar pela religião (...)" (SALGADO, 1996, p. 17).

[3]Movimento romântico de reação ao racionalismo da Ilustração, que teve início no final do século XVIII. Recuperava os valores da tradição, do individual, do sentimento, da religião e do divino. É justamente a superação ou não concordância com o valor absoluto da razão que fez o movimento desenvolver-se, pois era necessário voltar à história do homem e valorizar o que há no coração humano (COELHO, 2012, p. 3-25).

O problema da cisão vai encontrar em Hegel centralidade até desembocar em uma única estrutura em Fenomenologia do Espírito. As três temáticas centrais desta linha são 1) Helenismo- (mundo antigo- herança clássica- mundo grego e romano); 2) Cristianismo- (religião que prevaleceu com o fim do mundo antigo); 3) Modernidade- (na qual reflete sobre a formação da sociedade econômica, política, nascimento do Estado, Iluminismo e racionalismo (VAZ, 2014, p. 162).

Para Hegel este problema da cisão não era somente uma reconstituição do mundo cindido, mas nas palavras de Padre Vaz (2014, p. 163), o tema central estava em sua compreensão filosófica. Como muitos outros autores contemporâneos, Hegel tentou "reconstituir geneticamente a formação do mundo ocidental", enxergando na Grécia a matriz do mundo ocidental e, sua originalidade foi o enfoque que deu na reconstrução.

Hegel pretendeu em sua filosofia superar as divisões e cisões que se haviam apresentado ao homem no decurso da tradição ocidental. Ambicionava criar uma filosofia que abarcasse o todo, sem separações: "Visava atingir uma esfera tal de reflexão especulativa que permitisse a contemplação racional do real em sua totalidade, tanto histórica quanto racional" (HORTA, 2013, p. 128).

3.1-HELENISMO

O estudo do mundo antigo era tema de muitos historiadores e pensadores contemporâneo a Hegel, tanto no início do Idealismo como no Classicismo Alemão. Hegel com aquilo que vai chamar de "totalidade ética*",* Hegel considerava o mundo antigo como unidade em todos os aspectos da vida, cultura, religião, política e arte (VAZ, 2014, p. 164). Ainda que na concepção clara da história real, o mundo antigo não tenha sido tão unido assim, no que vai chamar de "reconstrução histórica do mundo antigo" Hegel defende que fora um momento de unidade frente à realidade fragmentada do mundo moderno.

Em reflexão na Fenomenologia do Espírito, lembra Pe.Vaz (2014, p. 165), Hegel chama "o mundo grego de Espírito Verdadeiro, que para ele significa a totalidade da cultura*".* Sendo neste momento que todos os aspectos do Espírito aparecem formando uma única totalidade.

No aspecto filosófico para Hegel é no mundo grego que a Razão, "como princípio de explicação do mundo" aparece no seio de uma sociedade. A liberdade política e a construção da cidade como "cidade de cidadão" (Politéia), ou, "consenso em

torno de uma lei comum", foi fundamental para a formação do mundo moderno (VAZ, 2014, p. 165).

Como a convicção de que o mundo antigo-grego era berço da Razão e Liberdade, é compreensível que este ciclo da civilização seja importante na construção do seu sistema. Inclui-se no mundo antigo, além do grego, também o romano. É necessário que compreendamos as raízes para descobrirmos como se formaram as ideias e conceitos que induziram tanto o mundo moderno, pensando assim a História como "exigência, primeiro, de sentido ou de racionalidade; de liberdade e depois de universalidade ou totalidade" (VAZ, 2014, p.166).

Do contraste entre o mundo moderno e o mundo antigo, em especial no limiar do Cristianismo, desenha-se para Hegel uma problema chave: "essa racionalidade, essa liberdade e essa totalidade no mundo grego aparecem como dados mediatamente, sem terem passado ainda pelo momento da cisão, divisão, da alienação." Sendo assim, "é preciso que a História evolua no sentido da cisão" para que depois se refaça a união dessas categorias. Para Padre Vaz (2014, p. 167), na reflexão hegeliana "a racionalidade, a liberdade e a totalidade terão que passar por essa experiência de alienação."

3.2-CRISTIANISMO

A primeira ressalva que se deve fazer na influência do Cristianismo no pensamento de Hegel, é o fato de que ele era natural de uma região com vivencia protestante forte, onde o Luteranismo imperava como formação religiosa e moral. Além disso, foi somente no final do seminário, em que estudava com a finalidade de se tornar pastor, que Hegel optou pela filosofia e desistiu da vida teológica profissional.

Em Tübingen, o jovem pensador estudou com Gottlob Christian, um professor que tentava estabelecer uma espécie de confronto direto do pensamento Kantiano com a Ilustração e com a teologia clássica protestante. Segundo Pe.Vaz (2014, p. 167), neste encontro, Hegel e seus amigos tenderam ao oposto do pensamento que dominava a Universidade, conhecidos posteriormente por defenderem uma espécie de "luteranismo liberal", sendo "aquela interpretação do dogma cristão no espírito da Ilustração, do Racionalismo com características Kantianas, em que se esvaziava o conteúdo do dogma e o Cristianismo se transformava numa mensagem moral" (VAZ, 2014, p. 167).

Quando chega à Berna, já tendo decidido pelo abandono da vida pastoral protestante, escreve *Vida de Jesus (1795)*, "que é mais a vida de um filosofo kantiano" lendo nos evangelhos a imagem de um ser "obediente à ética que Kant escreve na Crítica da razão pratica, na Fundamentação da Metafísica dos costumes, quer dizer, a Ética do Dever, da Moralidade" (VAZ, 2014, p. 167-168).

Desde sempre, o Cristianismo que Hegel estuda, e desenha, é profundamente "desnaturado", rejeitando o que é próprio do Cristianismo, "a dimensão do acontecimento real e histórico da encarnação de Cristo", e consequentemente sua delimitação como messias, salvador pessoal, verdadeiro homem (ANTISERI; REALE, 1990, p. 99). Considera, contudo, que o ambiente Judaico é responsável pela "traição a mensagem de Jesus", pesando consideravelmente no que fica na história do Cristianismo posteriormente. Para Hegel o Judaísmo vive a cisão, sem a busca da unidade que o Cristianismo procura.

Na concepção de Hegel, o Cristianismo é a religião dos tempos modernos, e é um dos responsáveis pela cisão característica do mundo moderno, onde a vida religiosa é a vida do indivíduo, e não a comunidade, como era no mundo antigo. Nos escritos reunidos sob o nome de Filosofia da Religião, frutos de onze anos de ensino desta matéria em Berlim, Hegel lança pontos fundamentais para a compreensão deste pensamento, que segundo Lima Vaz (2014, p. 169-171), dará condições para o "ateísmo positivo Marxista" e elementos a Nietzsche. Depois do Cristianismo, não há condições de pensar outra religião, "É a religião Absoluta porque, apresentando a encarnação, cortou as possibilidades de outra mensagem religiosa histórica e se tornou a última mensagem religiosa possível."

Só é possível pensar, entender e compreender a história ocidental, e mais ainda, compreender o Sistema hegeliano e a concepção hegeliana de história, se, concebermos o Cristianismo como religião revelada, Absoluta, com sua universalização e como núcleo da cisão.

O Cristianismo, entretanto, na síntese de Reale, (ANTISERI; REALE, 1990, p. 98) "não restitui ao homem simplesmente a inocência feliz típica da grecidade, mas reconstitui a unidade perdida através do tormento da cisão com a sua conciliação em nível mediato e, portanto, mais consciente e maduro." E aqui, delimita-se o núcleo essencial da dialética hegeliana, "a cisão da realidade em "opostos" e a conciliação desta cisão em "síntese" superior.

3.3-MODERNIDADE

O século XV trouxe junto a formação de uma nova ideia de Razão, e de um novo paradigma de conhecimento da natureza (VAZ, 2014, p. 95). Entende-se que o começo da Filosofia Moderna está em Bacon, mas seu verdadeiro fundador é Descarte, na afirmação de Tunhas (2012, p. 139). Uma parte dessa afirmação sustenta-se no fato de Bacon ainda estar ligado ao Renascimento, e do outro lado por ser em torno do Sistema Cartesiano que as grandes transformações do pensamento acontecem. Mesmo que a Filosofia do Século XIX seja estudada em separado, esta deve muito ao período compreendido como Filosofia Moderna.

A modernidade tem seu ponto de referência na ideia de sujeito, mas "a cisão radical deste sujeito" (PEREIRA, 2007, p. 115), é, ao mesmo tempo marca do seu apogeu e de sua crise. O Eu cartesiano, segundo Pereira para se conceber e "substantivar sem fissuras, duvidou", mas, no momento da experiência da dúvida, revelou-se frágil e procurou "segurança" na ideia de perfeição, de um ser perfeito. Se descobriu só, "buscando amparo na forma de um em-si ou de uma ideia inata, não resolvendo a cisão e o paradoxo, mas acentuando-os num inatismo radical."

A angústia ou sofrimento, que apresenta o Cogito, inaugura um ciclo no qual toda vez que há uma tentativa de escape, sempre incorrerá no retorno para este "desamparo de um sujeito que tanto pode procurar-se na tentação de resolução da cisão como no eu, a desdobrar-se em paradoxo." O cogito não é a certeza absoluta, mas releva-se na experiência do pensar, do sentir seus limites e fragilidade, e conhecer o pensamento que para ser se autoquestiona.

A dúvida não é interrogação somente, mas já reflexão, "afirma-se a consciência como reflexividade" (PEREIRA, 2007, p. 116). Desta forma dizer "eu penso", eu "sinto" reflete a consciência como consciência de si. A experiência do Eu, "dá a unidade do sujeito em duplicidade", Assim, o saber e o sentir, em Descartes, unem-se na consciência de si, permitindo, contudo que " a contingência, o sensível se introduza na consciência e seja seu paradoxo perturbando a consciência e levando ao dualismo" (PEREIRA, 2007, p. 117), essa reflexão leva assim a distinção entre o pensamento e o sentimento, entre o necessário e o contingente. O espírito não pode mais deixar de dialogar com o exterior, o Cogito é a confiança do pensamento frente à ilusão e incerteza do mundo.

Um eu finito, que se descobre só, que tenta construir-se como sujeito de conhecimento, e que busca segurança e certeza na "ideia de Deus".

O edifício filosófico que dá prosseguimento ao rompimento interior do pensamento na Modernidade é o Sistema Kantiano. Como acontece com Descarte, "seria impossível filosofar hoje se Kant não tivesse existido", lembra bem Tunhas (2012, p. 223).

Face à Descarte, "Kant requer a sensibilidade para a elaboração do conhecimento" (PEREIRA, 2007, p. 31). Pretendendo sobretudo, assinalar as dificuldades e os paradoxos que a modernidade comportou. Integra assim a sensibilidade como condição necessária dando um sentido mais amplo, conferindo cientificidade a Estética (PEREIRA, 2007, p. 32). Fora da experiência sensível não se trata de conhecer, "mas de pensar", "conhecer não é o mesmo que pensar". (PEREIRA, 2007, p. 146). Na tentativa de superar a ambiguidade do Cogito cartesiano, Kant quer dissociar a consciência empírica da consciência transcendental. Em Descarte, situado no tempo, o Cogito demonstra uma realidade pré-existente; em Kant é uma obra a realizar.

O EU- "transcendência da subjetividade moderna iniciada pelo Cogito cartesiano em sua ideia inata do EU-pensante, mas apenas concluída no sistema do saber absoluto de Hegel", "nele desvenda-se que o Eu de cada ser é uma auto identidade pensada e vivida, absolutamente pessoal e, depois intransferível, mas radicalmente livre é, portanto aberta". (VAZ, 2012, p. 25).

Contudo, é possível pensar o Cogito como um lugar a partir do "qual se anuncia a tensão com o impensado, ao revelar no erro a incerteza, mas também a fecundidade do pensamento. São os limites colocados pelo cartesianismo que determinam, até hoje, em herança, o nosso modo de pensar." (VAZ, 2014, p. 124).

No limiar da crise da Modernidade Hegel, vai estudá-la em três aspectos fundamentais. Primeiro o problema da relação da política e da moral; o segundo da relação da economia e sociedade; e terceiro, o fenômeno revolucionário (VAZ, 2014, p. 174).

3.4- CRISE NA RELAÇÃO POLITICA E MORAL

Este primeiro ponto está intimamente ligado ao modelo de autonomia moral kantiano. Na fonte do Direito Natural Moderno em que Hegel se dedicou atentamente a estudar e entender ainda nos tempos de Iena, a formação do pensamento de que o

indivíduo nada tem a ver com a vida da sociedade política. Sendo nessa visão, um problema "apenas de compor os interesses de cada indivíduo com o interesse dos outros", salienta Pe.Vaz (2014, p. 174), sendo esta a posição de Hobbes e de todos o estado de natureza. Partindo da ideia do pacto social, e do contrato social, mas priorizando a convivência e não a moralidade.

De certo modo, o problema da cisão entre moral e irracionalidade do mundo político, é a transposição para o mundo de natureza hobbesiano, mas com a ilusão de que agindo cada um em seu interesse acabará resultando em um bem coletivo. Só que esta deriva do vicio coletivo e não da vontade moral, sendo assim fica claro a cisão entre a moral e a política.

Kant, não aceita o contrato social de Rousseau, mas segundo Pe.Vaz (2014, p.175) acaba por colocar a hipótese do contrato em sua Filosofia do Direito, como a priori da razão prática, mas um a priori individual. Na autonomia da consciência moral, Kant propõe que o sujeito é autônomo porque tem a razão prática caracterizada pelo a priori do dever. No qual o sujeito é o único juiz, que irá julga-se, dessa forma a autonomia do sujeito não compõe o universo político.

Na concepção hegeliana, a oposição sociedade-individuo, torna-se fundamental para definir a cisão, tanto em relação do mundo antigo, quanto do medieval.

3.5-CRISE NA RELAÇÃO ECONOMIA E SOCIEDADE

A relação entre e economia e sociedade, marcando uma cisão que transborda em crise, sempre esteve em voga em todo pensamento hegeliano. Foi provavelmente nas palavras Pe.Vaz (2014, p. 222), o primeiro a integrar na esfera político-social a esfera econômica. Para Hegel, a economia adquire na modernidade uma autonomia, que prescinde da moral, passando a ser um corpo autônomo dentro da sociedade, conferindo nessa frente a noção de sociedade civil, onde as atividades econômicas ganha em Hegel o nome de "sistema das necessidades", integrando totalmente a vida ética.

O grande desafio que ele se coloca, na visão de Pe. Vaz (2014, p. 181), é de "como pensar a racionalidade econômica na racionalidade social global", ou:

> "Como é que essa economia que parece obedecer a leis independentes de outros aspectos da realidade humana (morais, de realidade subjetiva e estética) pode ser integrada num todo que seria a sociedade, de modo que essa sociedade deixe de ser esse mundo de cisão, característico do mundo moderno." (VAZ, 2014, p. 181)

Essa racionalidade chama a atenção de Hegel, por ser uma esfera que não se vê atrelada ao todo social, sendo um campo que começa com uma independência do todo social, onde o indivíduo participa exclusivamente se possui trabalho, e não como ser social, indivíduo moral, político e ético. Para Pe. Vaz (2014, p. 182), no esboço da Filosofia do Espírito, que começa a escrever ainda em Iena, Hegel dedica em grande parte a este desafio: "como é que o trabalho pode exercer essa função quase determinante da existência humana e quase uma função isolante, porque separa os outros aspectos da existência humana."

Essa é mais uma prova da cisão que predomina a modernidade. Este "sistema de necessidades", ou "estado de entendimento" hoje é conhecido como "complexo econômico" é que deu sustentação para a construção da teoria econômica do Século XIX e XX, em que estão incluído Marx, os Liberais e os pensadores políticos que o sucedeu, todos em busca de uma forma de conciliar essa cisão causada pela autonomia da racionalidade econômica.

3.6-CRISE NA RELAÇÃO DO FENOMENO REVOLUCIONÁRIO - REVOLUÇÃO FRANCESA

A Revolução Francesa é essencial na formação do pensamento hegeliano e, em seu Sistema, buscou integrar esse marco histórico, que, para o filósofo, foi mais do que um acontecimento político e constituiu verdadeiro esforço para reviver a *polis* antiga, local onde o sujeito se reconhece totalmente na pátria (BOURGEOIS, 1999, p.36/38). Hegel viveu os dois momentos fundamentais após a Revolução: a era Napoleônica e a Restauração e, diante da história que ocorria diante de seus olhos, questionava-se: "Como pensar a realidade histórica (política, social, econômica) após a Revolução?"

Hegel se torna o pensador da história quando começa a pensar o movimento revolucionário como princípio de uma nova ordem (VAZ, 2014, p. 186) e logo na seguência o desmoronamento dessa nova ordem. Este tema é tratado com mais detalhes na Fenomenologia do Espírito, qual não encaixa na delimitação deste ensaio. Ficando para uma próxima oportunidade.

4- PRIMEIRAS CONFIGURAÇÕES DO SISTEMA DE HEGEL.

Na mesma medida em que o pensamento hegeliano, traz uma dificuldade intrínseca na sua compreensão, ele também descortina uma forma de buscar o real através da compreensão da totalidade que se revela no movimento (RAMOS, 2006, p. 216). Essa premissa da dialética hegeliana, se mostra nítida quando é possível ver a evolução do seu próprio pensamento, quando este passa da intuição ao sistema (VAZ, 2014, p.192)[4]. Para Hegel o "Sistema é a Filosofia, quer dizer não há Filosofia sem Sistema. Sistema e Filosofia são termos equivalentes."

Padre Vaz (2012, b: 379) considera, aliás, Hegel o filósofo que mais avança na fundamentação do paradigma historicista, pois se propõe a explicar como o pensamento do ser conduz à descoberta de uma necessária relação entre o espírito e o Absoluto. Já nos fins dos tempos de Frankfurt, desenvolveu seu próprio sistema e nele, afirmava que caberia somente à filosofia o desafio de reconciliar o tempo e o conceito, na sociedade dividida (VAZ, 2012 b: 376, nota 18).

Neste caminho para a descoberta da intrínseca relação entre o espírito e o Absoluto, Hegel não ignora historicidade essencial do ser humano. Analisa dentro da história da filosofia como o pensar, o raciocinar, o filosofar do homem se manifesta em ações, instituições, fins diversos, que apenas possuem algum sentido em face da razão que se faz presente no existir histórico da humanidade. Sem a presença da razão, o "desenrolar empírico da história mergulharia no puro aleatório ou no absurdo" e é assim que, em Hegel, "a Filosofia só pode pensar a história quando um ciclo histórico se cumpriu e as razões nele presentes podem ser dialeticamente articuladas. Ela não é um programa para o futuro, mas uma lição a ser aprendida do passado." (VAZ, 2012, b: p. 392/393).

4.1 ESBOÇO DE UM SISTEMA

No período de sua passagem em Frankfurt, o pensador começa a apontar uma evolução que o levaria a construção de um Sistema. Daí é possível ver marcas da influencia Shelling, e principalmente de Kant. Pe. Vaz descreve um texto que teria sido escrito pelo jovem Hegel, de duas ou três páginas, que no ano de 1797 se chamava "Esboço de um sistema." Encontrado somente em 1919, este escrito traz ao nível das

[4]"Outro aspecto importante da evolução do pensamento de Hegel- e que se pode dizer que se tenha formado só quando ele chegou a Iena (1801)- é a passagem da intuição ao sistema, quer dizer, quando o seu pensamento começou a adquirir a sua forma propriamente sistemática, a sua forma filosófica." VAZ, Lima. 2014; p.192.

pesquisas uma forma diferenciada de construção filosófica, que o Idealismo Alemão devolve a Filosofia (VAZ, 2014, p. 192).

Fichte, Schelling e Hegel, expoentes de um conjunto "que tenta transformar o pensamento kantiano, num idealismo diverso do do próprio Kant." (TUNHAS, 2012, p. 237). Esboçavam todos nesse contexto a criação de Sistemas complexos e contrapositivo ao Sistema kantiano.

Fichte neste mesmo período elaborava seu Sistema, Doutrina das Ciências; Shelling também construía em diálogo com Fchite e Kant. O debate sobre a autoria de alguns dos escritos com traços mais fortes do Idealismo Alemão, passa pela familiaridade das ideias e pelo fato de realmente terem trabalhados juntos em alguns pontos, e assim atribui-se a Hegel alguns fragmentos que podem ter sidos escritos por Shelling e Hölderlin.

Este esboço programático aparece muito bem na carta que Hegel escreve a Shelling[5] descrevendo seu "caminhar das intuições da juventude ao sistema da maturidade", e revela que em sua "formação científica, que partiu das necessidades elementares dos homens", foi "impelido forçosamente para a ciência e o ideal da juventude teve que se transformar na forma da reflexão e de um Sistema". (*apud* VAZ, 2014, p. 224). Pe.Vaz, pondera a importância do escrito "Diferença", primeiro por ele publicado, quando este expõe a concepção hegeliana de filosofia, natureza, história, necessidade e Sistema.

O Sistema segundo Hegel, neste texto, se constrói por sucessivas sínteses até a identidade da totalidade objetiva e da totalidade subjetiva. Aqui, segundo Padre Vaz, entra a diferença da sua concepção em relação à Kant, já que não estabelece uma oposição Kantiana entre "Razão" (Vernunft) e "Entendimento" (Verstand). A "razão pensa a identidade na diferença da oposição, ao passo que o Entendimento se mantém no nível da identidade abstrata das determinações formais" (VAZ, 2014, p. 225).

O programa que se propõe, e aqui também é possível encontrar as similitudes entre os autores, e que "a partir da consciência da cisão do mundo moderno", "como reconstruir uma visão orgânica do mundo, que o kantismo não oferecia?" (VAZ, 2014, p.192).

[5]op.cit.p.224. Carta de 2 de novembro de 1800 (Briefe von undan Hegel, I,p. 59. Paris/; Gallimard, 1953. P.60. " na minha formação cientifica, que partiu das necessidades elementares dos homens, eu fui impelido forçosamente para a ciência e o ideal da juventude teve que se transformar na forma da reflexão e de um Sistema." VAZ, Lima. 2014, p. 224.

A Crítica de Kant oferece um *prolegômeno*de renúncia à Metafísica e à construção de uma ética aplicada, e, diante deste vazio, torna-se necessário uma reconstrução sistemática do pensamento racional, capaz de erguer os alicerces desconstruídos por Kant, e que o próprio Kant apenas se dedicou a construir no fim de sua vida.

A tentativa de Hegel era construir um Sistema pós Kant, com visão totalizante, já que o último grande Sistema conhecido teria sido o Sistema de Leibniz, quer dizer, um sistema racionalista que dominou a Filosofia Alemã e europeia no século XVIII. Logo depois vem a florescer do Kantismo e o pensamento de Hume, mas o Empirismo perde espaço por não ser capaz de responder a todos os problemas que havia surgido da tomada de consciência do mundo cindido.

Kant expõe toda essa nova visão no formato dualista: (Natureza/Liberdade; Razão Pura/ Razão Pratica; Estética/ Ética.), daí o esforço de descrição dos três pensadores Hegel, Shellling e Fichte de tentar estabelecer uma visão organizada, "unitária da realidade depois [dos dualismos] de Kant" (VAZ, 2014, p.194).

Dentre os pontos basilares de seu pensamento, se é que se pode tentar defini-los, expressando sua complexidade, estão: 1) A realidade enquanto tal é espírito infinito; 2) a estrutura, ou a própria vida do espírito, e o procedimento onde se desenvolve o saber filosófico- a dialética; 3) elemento especulativo; nestes pontos está indicado o objetivo ou o ponto terminal que Hegel propôs alcançar em seu filosofar" (ANTISERI; REALE, 1990, p. 101).

4.2 FRAGMENTO DE UM SISTEMA

Um segundo texto, também descoberto no século XX, assume importância na formatação inicial do Sistema Hegeliano, *Fragmentos de um Sistema*[6] escrito em Frankfurt, na véspera da viagem a Iena, em 1800, não é só um programa para um Sistema como no anterior, mas já a tentativa de fazer um Sistema.

Consta neste texto uma orientação ao Absoluto, onde, segundo Pe. Vaz (2014, p. 194), Hegel tenta organizar uma visão da realidade na qual a vida e sua organicidade tendem à vida superior, que é a vida absoluta. Esse é princípio organizador do Sistema,

[6]"Fragmentos de um Sistema" " Este texto a gente pode encontrar na seleção de textos que está no final do livro de Kostas Papaioannou, traduzido em Português. [Kostas Papaioannou. Hegel. Présentation, choix de textes, bibliographie. Paris, Segher, 1962.] VAZ, Lima, 2014, p. 194.

na formação do seu pensamento a noção de Vida é substituída pela noção de História, e Cultura, "uma vez que para ele a Vida, a forma de vida, é uma espécie de degrau para se chegar ao que ele vai chamar de reconhecimento, chamar História, chamar Espírito, chamar formação, Cultura e assim por diante."[7]

Pe. Vaz (2014, p. 195), faz uma análise sobre a necessidade de se aprofundar no entendimento dos Sistemas e da sua importância no debate da época, que longe de ser um debate setorizado, é antes de tudo um marco do próprio Idealismo Alemão e do Romantismo, na medida que estes se ocupam com a problemática da análise do mundo moderno, em uma época de transição "de um mundo que se acabava, para um mundo que estava começando, mas que ninguém sabia o que ia ser."

4.3 DIFERENÇA DOS SISTEMAS DE FILOSOFIA DE FICHTE E SCHELLING

Na trajetória do pensamento hegeliano, a passagem da *Intuição* para o *Sistema*, ocorre do período de 1797 a 1801, quando ocorre a primeira preocupação real com o Sistema. Quando chega a Iena, Hegel publica *Diferenças dos Sistemas de Filosofia de Fichte e Schelling (1801)*, neste texto o autor discorre sobre estes dois grandes complexos de pensamento que já chamava atenção do mundo. Se no princípio Hegel se dizia discípulo de Shelling, quando compara os dois, nega tanto um quanto outro, e começa a escrever seu próprio Sistema (VAZ, 2014, p. 195).

Com este trabalho Hegel, apresenta sua concepção de Filosofia; a natureza da Filosofia, a sua necessidade, também traça sua relação coma História, e "mostra que a Filosofia só pode ser pensada como uma recuperação da sua própria história. " O Sistema não pode nascer de uma compreensão meramente empírica, por ser a recuperação de todo o passado, e a realidade não pode justificar-se a si mesma. "O Sistema é, pois, uma recuperação da História e, enquanto Filosofia, é uma recuperação da História da Filosofia. Essa é a ideia central de Hegel" (VAZ, 2014, p.196). Aliás, Hegel nos propõe uma dimensão histórica para a filosofia, onde os caminhos percorridos não são desperdiçados. Em sua filosofia, só é possível conhecer e reconhecer no evolver das ideias que se contrapõem no tempo (HORTA, 2013, p. 133).

Tanto em Fichte como em Schelling, "encontramos formas do que Hegel mais tarde utilizou como método dialético (RUSSELL, 2013, p. 381). Na filosofia da

[7] "..o conceito central ainda é o conceito da Vida e não o que será mais tarde, conceito de Espirito." VAZ, Lima. 2014, p. 194.

natureza de Schelling, há o conceito fundamental de contrários polares e sua unidade, que adianta o prelúdio da dialética hegeliana. Mesmo que a origem da dialética esteja no quadro das categorias de Kant, é em Shelling e Fichte que Hegel encontra condições para construir seu edifício filosófico.

Já no começo do texto Diferença, Hegel afirma que o problema da racionalidade radical já está em nós. Contrário à Kant, admitir o Absoluto como fundamento do real, é uma condição para começar a pensar. "Pois algo no nosso pensamento é algo que vamos procurar depois de ter pensado, porque senão nós nunca o alcançaríamos, e o nosso pensamento voltaria a incidir no dualismo kantiano" (VAZ, 2014, p. 197).

Nessa optica pensar alguma coisa é supor que o real não é absurdo, mas sim certa racionalidade. E então a isso ele chama Absoluto, converge Padre Vaz. Sendo possível que nos tendamos ao Sistema por estar dentro deste, de forma que o problema da realidade global é por estarmos internos a este. Daí a possibilidade de compreender o todo, superando seu contrário, as partes. A dialética então só se dá no domínio da Razão, quando em sentido metafisico se engloba toda a realidade. E o Entendimento (Vestand) na perspectiva Kantiana, traçado pela analise, que trata a realidade em pedaços, não oferece condições para o movimento dialético.

4.3.1-DIALÉTICA COMO RECOMPOSIÇÃO DA UNIDADE NO SISTEMA

Para Padre Vaz, foi Hegel quem primeiro formulou com nitidez a pergunta "para que a Filosofia? ". E, na sua resposta, encontrou e mostrou sua verdadeira linha de pensamento:

> "Quando a vida humana atinge um determinado estágio de cisão dos seus elementos, quando perde a sua unidade espontânea, surge a necessidade da Filosofia. A Filosofia é uma resposta a uma vida dividida... a Filosofia surge historicamente, culturalmente quando há uma espécie de ruptura das certezas da vida" (VAZ, 2014, p. 199).

A Filosofia nasce assim, historicamente, culturalmente, sendo a marca do pensamento hegeliano, a conquista de uma nova unidade, a necessidade de relação entre a Filosofia e a História. A função da Filosofia é recompor a certeza, "não mais como certezas imediatas porque essas estão definitivamente perdidas, mas certezas

mediatizadas pela experiência da cisão. A isso é que mais tarde Hegel chamará dialética" (VAZ, 2014, p.199).

Dialética, é, assim, "atingir a unidade atravessando a divisão, atravessando a cisão, a ruptura. Se não há ruptura não há dialética" segundo Pe. Vaz (2014, p.199), lembrando que neste primeiro escrito *Diferenças dos Sistemas de Filosofia de Fichte e Schelling (1801),* essa idéia já é nítida.

O movimento torna—se o coração da dialética, "sendo o movimento a própria natureza do espírito" (ANTISERI; REALE, 1990, p. 107). A dialética hegeliana, portanto, assim como a história, não tem nada de estático, ao contrário, caracteriza-se por um constante movimento entre tese, antítese, conclusão que se constitui em nova tese e assim por diante. O conceito em Hegel constituirá o resultado do movimento dialético e é ponto de partida de um novo movimento dialético que levará à Ideia Absoluta, único objeto e conteúdo da filosofia (VAZ, 2012, b: 384-381).

Quando Hegel dispõe a escrever sobre natureza da Filosofia, justamente está insistindo no aspecto sistemático. Se a "Filosofia é a recomposição da unidade, evidentemente tem que ser sistemática. Sistema significa articulação de partes" (VAZ, 2014, p. 199).

Padre. Vaz, afirma que a palavra Sistema em Grego, quer dizer algo que está articulado, que pode ficar de pé. Dentro de uma concepção de recomposição de unidade, a sistematicidade é fundamental e só ela pode dar espaço a Razão. "em pé", "se manter em pé", tanto na linguagem usual dos gregos, quanto na objetiva de Hegel, a expressão metafórica de Sistema é cara a Filosofia depois do marco da moderna (VAZ, 2014, p. 200).

O movimento que Hegel descreve da Razão enquanto autoprodução, é na visão de Vaz, o mesmo que tornar a Razão Sistemática. A Razão como dialética, unidade dos contrários, que vai reunir o que foi cindido, não pode se referir a uma instância fora de si.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa linha Hegel constrói seu pensamento trabalhando temas da Identidade, do sujeito, da Liberdade e da Cognição, em vista de compreender o Absoluto e o Espírito. É curioso, como aponta Padre. Vaz, que o escrito *Diferenças dos Sistemas de Filosofia de Fichte e Schelling (1801),* foi publicado quando o pensador tinha "30 anos,

e nos próximos 30 anos de vida, (1801-1831), e desenvolveu seu pensamento, pode-se dizer que o desenvolvimento extraordinariamente rico desse pensamento partiu desse núcleo, desse gérmen inicial que está na introdução desse escrito". De certo que já aí, encontrava a Dialética, a oposição entre Dialética e Analítica, e a perspectiva hegeliana sobre a História, "já se encontrava todo o esboço ou, então, genuinamente o que será todo o Sistema de Hegel" (VAZ, 2014, p.201).

Para compreender este caminho é necessário evidentemente "seguir concretamente o desenvolvimento do sistema até a sua conclusão, ou seja, percorrendo todo o caminho até seu ponto final", com diria Hegel "em Filosofia não existem atalhos."

Não é possível estudar Hegel, lembra Padre Vaz (2014, p.205), e entender a sua concepção da História, se não for através do prisma do Sistema. Para estudar o que Hegel pensou "é preciso estudar através do sistema, porque para ele não há Filosofia sem Sistema, e a Filosofia enquanto obra da Razão dialética só tem sentido como Sistema (enquanto ficar de pé).

REFERÊNCIA

BOURGEOIS, Bernard. **O pensamento político de Hegel**. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

COELHO, Nuno M. M. S, **Fundamentos Filosóficos da Interpretação do Direito – O Romantismo.** -1ª ed. – São Paulo: Rideel, 2012.

FUNDAÇÃO CULTURAL SUÁBIO-BRASILEIRA. Histórico, disponível em <http://www.suabios.com.br/historico>, acesso em 08/08/2015.

HORTA, José Luiz Borges. Entre o Hegel Racional e o Hegel Real. In: **Paixão e Astúcia da Razão** [recurso eletrônico] / Agemir Bavaresco, Alfredo Moraes (Orgs.). – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2013. [p. 125-142].

PEREIRA, Paula Cristina. **Do sentir e do Pensar**: Ensaio para uma antropologia (experiencial) de matriz poética. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

RAMOS, Marcelo Maciel. In. **Hegel, Liberdade e Estado**. Cor. Salgado, Joaquim; José Luiz B. Belo Horizonte: Editora Fórum, 2010. P.216.

REALE, Giovanni; ANTISERI. Dario. **História da Filosofia**. Vol.III. São Paulo: Paulus, 1990.

RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2013.

SALGADO, Joaquim Carlos. **A ideia de justiça em Hegel**. São Paulo: Loyola, 1996.

TUNHAS, Paulo. **As questões que se repetem**. Alfragide: D. Quixote, 2012.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **A formação do pensamento de Hegel.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Contemplação e dialética nos diálogos platônicos.** São Paulo: Edições Loyola, 2012 (a).

_____. **Escritos de Filosofia IV**: Introdução à Ética Filosófica, 1. São Paulo: Loyola, 2012 (b).

WIKIPÉDIA. Suábia, disponível em <http://www.suabios.com.br/historico>, acesso em 08/08/2015.